

sobre tudo

SOBRE EDUCAR COMO GESTO DE AMOR E CONFIANÇA

Entre as palavras professor e profissão há uma proximidade etimológica. Professar algo é colocar-se em público, falar da sua fé não de forma privada e secreta, mas para uma comunidade. Professor, portanto, é aquele que fala aos outros, com a finalidade de educá-los e conduzi-los para além de si mesmos. Não se trata de uma fala despretensiosa e nem de emitir palavras ao vento, tal qual os profetas folclóricos nas praças das grandes cidades. Para Hannah Arendt, o educador é aquele que, com alguma fé no amanhã e uma certa desconfiança no hoje, empreende intencionalmente a tarefa de renovar, a partir de seu trabalho com crianças e jovens, o mundo comum. Mas no que constitui esse trabalho e o que ele realmente é capaz de produzir? Qual o lugar dessa profissão atualmente, quando os valores que dizem respeito aquilo que seja público e voltado ao bem comum se esfacelam, ou, como diria Karl Marx, desmancham no ar?

A revista **Sobre Tudo** Vol. 10, Número 1, convida vocês, nossos leitores e leitoras, a uma “aula pública” na qual docentes de diferentes lugares e formação reafirmam sua fé no trabalho do professor. Entendemos que neste momento histórico em que

professoras e professores do país inteiro vêm sendo perseguidos por militantes que defendem causas particulares e que não falam em nome do bem comum, dedicar uma edição para pensar o trabalho docente é uma forma de resistência. Assim, os textos aqui apresentados falam, a partir de olhares diversos, sobre esse ofício tão fundamental em qualquer sociedade. Em “~~Profissão~~ Ofício de Professor”, Karen Christine Rechia e Jorge Larrosa nos apresentam uma conversa na qual a profissão de professor é repensada a partir daquilo que lhe era tradicional, “antigo”, mas que foi abandonado em nome de uma ideologia do “profissionalismo”, que vem empobrecendo a experiência de professores e estudantes. Em seu lugar, os autores propõem pensar o trabalho docente pela ótica do ofício, evocando aquilo que ele tem de artesanal e único.

Uma vez que o trabalho docente não se limita ao espaço da sala de aula e às técnicas e metodologias empreendidas pelos professores e professoras em seu fazer pedagógico, além das regras internas do ofício, o educador também está submetido a condições externas a sua profissão e as alterações nos contextos políticos e econômicos implicam diretamente em sua prática cotidiana. Em “A Base Nacional Comum Curricular e seus impactos no trabalho e na formação docente nas escolas públicas de educação básica”, Jéferson Silveira Dantas reflete sobre como determinadas políticas públicas para educação estão muito mais preocupadas em atender demandas “reformistas”, impostas pelo mercado, do que de fato em propor uma educação mais inclusiva e democrática, o que incide diretamente na qualidade da formação docente.

Porém, pode-se observar a tarefa de educar a partir de sua prática e sob o olhar de quem a exerce. Esta é a premissa presente

nos três textos escritos por professores que transformaram suas experiências cotidianas em reflexões sobre suas escolhas pedagógicas. No primeiro deles, Odair de Souza e Joyce Fernandes Nunis, relatam o desenvolvimento de um projeto de ensino que visou conscientizar os alunos dos anos finais do ensino fundamental, em uma escola no interior de Santa Catarina, sobre a violência contra a mulher. Trata-se do relato de experiência “Violências contra as mulheres: pensando formas de combate por meio de um projeto de trabalho”.

Em “Uma proposta de investigação: análise da qualidade da água do rio Uberabinha em Uberlândia/MG”, a professora Vanessa Fonseca Gonçalves apresenta, junto com seus estudantes orientandos, os resultados da pesquisa de iniciação científica realizada com alunos do 7º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, além de descrever os caminhos metodológicos e desafios acadêmicos de se trabalhar com pesquisa na escola. Já no texto “Elogio ao ofício docente: uma exposição”, professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina apresentam o exercício estético de olhar para detalhes e especificidades que constituem o trabalho do professor e transformá-los em imagens fotográficas, tornando-os visíveis e ressignificando o ofício em uma exposição artística.

Nesse número também encontramos textos destinados a pensar o trabalho de futuros professores que, em situação de formação e experimentação próprias da disciplina de prática de ensino, transformaram suas experiências de estágio em reflexões sobre escolhas pedagógicas e metodológicas. O artigo “Experiência de estágio e docência na educação de jovens e adultos: trabalhando com a temática da educação escolar dos

povos indígenas de Santa Catarina”, de Jéssica Lícia da Assumpção, Mariana Bandeira do Nascimento e Regina Wagner Cizerio Lira, relata o desafio de construir e desenvolver projetos pedagógicos para adultos. Já o texto de Fabrício Leal Cogo, Walter Dias da Costa Filho e Clarissa Laus Pereira Oliveira, “O espaço físico da Perspective Actionnelle: o estudo de caso do Colégio de Aplicação/UFSC”, nos coloca outras questões sobre a influência da sala de aula e o modo como ela é organizada para o trabalho do professor e o aprendizado dos estudantes.

Refletir sobre o trabalho docente nos leva também a pensar a escola e as experiências pedagógicas que a instituição de formação para a vida em sociedade permite. Para além das aulas e da relação direta entre professores e alunos que acontece no espaço da sala de aula, a escola se caracteriza pela pluralidade de experiências educativas que envolvem profissionais de diferentes áreas que compõem a equipe pedagógica. Nesta edição temos a oportunidade de conhecer projetos de natureza interdisciplinar desenvolvidos em diferentes escolas do país e que têm em comum o uso de narrativas escritas e encenadas como dispositivos pedagógicos.

“Quando a loucura nos redime: a experiência leitora na interface entre literatura e psicologia em roda de leitura literária”, da psicóloga em formação Gabriela Rodrigues da Silva e do professor de Língua Portuguesa, André Luís Mourão Uzêda, relata o desenvolvimento de um projeto de extensão universitária em escolas públicas do Rio de Janeiro, que aproxima a leitura literária à questões próprias da psicologia, relacionando essas duas áreas do conhecimento. Por sua vez, o artigo “III Coluni em cena: do trágico ao épico”, de Danielle Rodrigues de Moraes e Rúbia Haikal Moreira, apresenta o desenvolvimento do trabalho

interdisciplinar envolvendo as disciplinas de Teatro, História, Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literatura. Evidenciam como habilidades mobilizadas na organização de uma peça teatral impactam no aprendizado de outras disciplinas, principalmente no que diz respeito ao trabalho em grupo. Da nossa casa, temos a oportunidade de publicar o texto de Larissa de Souza, intitulado “Da segregação ao direito à cidade”, uma reflexão sobre o espaço geográfico, orientada pelo professor de Geografia Marcio Marchi.

Para finalizar, apresentamos o artigo da Doutora em Literatura Claudia Renata Duarte, “Lírica da alma desajustada: Noturnas, de Fagundes Varela”, no qual a autora investiga imagens literárias nos poemas de Fagundes Varela. Ainda no âmbito das artes, o cinema está presente numa crítica ao filme **Que horas ela volta** escrita por Daniel Betanin e Silva e Kelly Correa da Silva, intitulada “Pensar o Brasil através do cinema: reflexões sobre ‘Que horas ela volta?’”. Já a literatura mostra as caras no conto “Pro seu próprio bem”, do estudante de cinema Marcel Luchetti Simão Junior, em que podemos ler ecos de um Brasil a cada dia mais embrutecido, em que as fronteiras entre repressão política, violência estatal e internação compulsória têm suas fronteiras borradas, num cenário em que a luta antimanicomial perde batalhas em prol de instituições que defendem até mesmo o choque elétrico como meio de “tratamento”.

A fim de encerrar essa apresentação e dar a oportunidade aos nossos leitores e leitoras de tomarem contato direto com os textos, gostaríamos de fazer apenas um último adendo sobre o tema dessa edição. Na obra **Em defesa da escola**: uma questão pública, Jan Masschelein e Maarten Simons selecionam alguns trechos do romance **Diário de Escola**, de Daniel Pennac, com o

intuito de refletir sobre aquilo que caracteriza a cultura escolar. Entre os enxertos destacados, há um sobre o trabalho do professor que merece nossa atenção:

[...] estou plenamente consciente de que esses pais estão me confiando seus filhos; a sociedade confia que sou um bom professor. Mas também percebo que se trata de uma confiança frágil. Talvez isso explique o desejo de segurança, de garantias de qualidade, responsabilidade estrita, o impulso obsessivo para a inovação, os padrões e os perfis profissionais mensuráveis [...]. Percebo que não há essa coisa de confiança cega. Mas também sei que as medidas inspiradas pela desconfiança, suspeita ou medo, sejam ou não envoltas na retórica do profissionalismo e da qualidade, são uma maneira infalível para me curar do meu amor.

Em suas memórias do tempo de docência, Pennac refere-se ao amor que sentia pelo trabalho de professor e pelos seus alunos. Este amor, no entanto, era fruto da confiança estabelecida entre a sociedade e seus mestres, por isso não havia garantias. À medida que a desconfiança se estabelecia, ele sentia o risco de esmorecer. A mensagem de Pennac é clara: a sociedade precisa confiar em seus mestres, pois se suspeita deles, se os desqualifica e exige deles atitudes estranhas ao ofício, o afeto se fragiliza e, com ele, o ato pedagógico.

Vivemos momentos em que a desconfiança recai sobre a educação e em que professores são alvos de inúmeras críticas estranhas ao universo da docência. Em momentos assim, é

importante que voltemos a acreditar naqueles que dedicam suas vidas a educar. Naqueles que, para dizer com Hannah Arendt, amam o mundo e nossas crianças a ponto de acreditar que é possível empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando os estudantes com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Comissão Editorial

Fernanda Müller

George França

Gláucia Dias da Costa

Lara Duarte Souto Maior

